

**“A COR DE CAROLINE”, DE ALEXANDRE RAMPAZO: UMA
PROPOSTA DE LEITURA SOBRE DIVERSIDADE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Maria Simone Nascimento Abrantes¹

Heitor Carvalho Guedes²

Orientadora: Maria Leuziedna Dantas Alves³

RESUMO

Diante dos acontecimentos históricos que propuseram o povo negro a enfrentar condições indignas durante o decorrer das suas vidas marcadas, hostilmente, pela cor da sua pele, reconhecemos a necessidade de refletir sobre a discriminação racial que ainda permanece nas ações de linguagem, continuamente, transferidas para as salas de aula da educação brasileira. Além disso, torna-se significativo abordar a diversidade étnico-racial nas escolas a partir das orientações da BNCC (2018) e da Lei 10.639/03 para valorização das diferenças culturais. Sendo assim, este artigo tem como objetivo abordar uma proposta de leitura do livro infantil "A Cor de Caroline", de Alexandre Rampazo através de um diálogo despretenso e inventivo em que a personagem Caroline desconhece a existência de um lápis "Cor de Pele", buscando no seu imaginário explicar para o seu amigo a multiplicidade de cores de peles que pode haver no mundo. Para o aprofundamento do estudo, utilizamos como base teórica: Zilberman (2005), Oliveira (2020), Ribeiro (2019), Hooks (2014). A metodologia do trabalho é de caráter bibliográfico, apontando o círculo de leitura como uma prática social que conduz os leitores a conhecer o pensamento de Caroline. Portanto, este trabalho contribui com as estratégias de ensino na educação infantil relacionadas às discussões sobre identidade, alteridade e diversidade.

Palavras-chave: Literatura infantil, Diversidade, Alexandre Rampazo.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras à Distância com Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba- IFPB, simoneabrantess79@gmail.com ;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Letras à Distância com Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba- IFPB, heitorcarvalhoguedes140@gmail.com ;

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba\PROLING, mestre em Educação pela UFPB e especialista em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Atua como professora do ensino básico técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, Campus Sousa, leuziednadantas@hotmail.com;

INTRODUÇÃO

Levando em consideração o percurso árduo que os negros fizeram e ainda fazem para alcançar o seu pertencimento na sociedade, voltar-se para a importância da representatividade negra infantil através de publicações que respaldam a cultura Afro-brasileira, essencialmente através da criação da lei 10.639/03, tornou uma ação emergencial. Além disso, vale destacar o papel da literatura a fim de entrelaçar o público infantil leitor e abordar as questões raciais através de um caráter lúdico e sutil, tendo a intenção de propor uma construção de identidade na qual a criança leitora compreende a si e os outros como seres humanos que não se diferenciam em razão da cor de pele. Logo, buscamos valorizar narrativas que possam favorecer a educação antirracista nas escolas, pois, mediante a escassez de representações de personagens negros na literatura infantil, as produções literárias devem abranger tal público, propondo referências que são compostas a favor da diversidade étnica.

Neste entendimento, a obra "A Cor de Caroline", de Alexandre Rampazo, autor e ilustrador, possibilita o leitor infantil desconstruir conceitos que são predominantemente transmitidos na sala de aula e que propõem a reflexão de outros questionamentos sobre o respeito às diferenças. O diálogo inicia-se quando Pedrinho pede emprestado a Carolina o lápis cor de pele. Carolina, após ouvi-lo, se questiona, ao olhar para caixa de lápis, se de fato existe uma só cor de lápis que pode ser denominada a "cor de pele", buscando seres que possuem a cor de pele de acordo com as cores da caixa de lápis. Carolina, então, espanta Pedrinho ao mostrá-lo a abundância de cores existentes em cada ser e em cada pele.

Desse modo, frente a um cenário literário brasileiro no qual se dispõe de poucas obras que fazem uso das palavras e das ilustrações para auxiliar na construção de diálogos que criam uma imagem negra positiva para o leitor infantil, a obra "A Cor de Caroline", a partir da sutileza de um diálogo despretensioso, cumpre a função de extinguir e transformar uma fala discriminatória no espaço escolar, lugar onde os personagens também habitam, sendo necessária ser abordada para que a literatura desempenhe o seu papel também por meio da temática étnico-racial, oferecendo a criança leitora a compreensão e a reconhecimento dos contextos sociais, estabelecendo, no decorrer da sua vida, a igualdade e o respeito nas relações.

Por intermédio da aplicação do círculo de leitura, do professor Hildo Cosson (2014), a leitura do livro se dará de forma subjetiva e atrativa para que a criança leitora possa se apropriar da história e apreciar os personagens que trazem significados a partir das palavras e da imagem, sendo trabalhada na sua integralidade, pois segundo esse autor o círculo de leitura



tende a se dividir em três fases: o ato de ler, o compartilhamento e o registro, oferecendo ao leitor infantil a condição para valorizar a leitura e as diferenças de raça a partir de “A Cor de Caroline.”

Primeiramente, será feito uma reflexão sobre a relevância da leitura de obras infantis que disseminam o antirracismo, a partir das discussões de Zilberman (2005), Oliveira (2020), Ribeiro (2019) e Hooks (2014). Posteriormente, a partir dos estudos sobre o círculo de leitura de Cosson (2014), será desenvolvida uma proposta de mediação leitora para as salas de aula da educação infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Conforme acentua Zilberman (2014, p. 6-7) “Um bom livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros”. E ao livro que agrada se costuma voltar, lendo-o de novo, no todo ou em parte, retornando de preferência àqueles trechos que provocaram prazer particular. Com a literatura para crianças não é diferente: livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar (...). Através da literatura e seu poder simbólico e lúdico, dependendo da magnitude da obra, o leitor infantil pode ser capaz de articular novos pensamentos, transformando as amarras da sua cultura.

A literatura infantil necessita protagonizar nos espaços das salas de aula da educação brasileira. Promover a educação antirracista a partir de obras infantis que representam as crianças negras e provocam o sentimento de orgulho e respeito por sua história, deve fazer parte dos currículos das escolas, segundo Oliveira (2020 p. 6-7) que diz que ao pensar na infância imagina crianças sendo respeitadas, consideradas como partes fundamentais desse todo bem maior previamente estabelecido, em que devem participar de uma gama variada de experiências que as coloquem frente à frente de novos desafios e situações para que sejam capazes de desenvolver suas formas de performar, de protagonizar e pretagonizar (se esse for o caso), de escolher, de opinar, de se emocionar, de chorar, de enfrentar problemas e de se solidarizar. É nessa perspectiva conceitual que haverá quem pense que tratar de preconceito, estigma, discriminação e racismo estrutural no Brasil não sejam assuntos para a infância. Mas, haverá um outro grupo de pessoas que estimulará, desde a infância, crianças a enfrentarem tais assuntos de frente, porque mesmo acreditando que a criança não seja racista, se aceita que

ela é capaz de reproduzir o racismo que vê, ouve e aprende em casa, nas ruas, nas organizações que frequentam (...).

Isso porque, o racismo, além de atuar fora da escola, ele é propagado nela. Segundo a autora Oliveira (2020, p. 6-7), uma vez que o racismo é estrutural, isto é, faz parte da construção educativa nacional desde a infância, precisa ser desconstruído por pessoas com visões mais dinâmicas sobre a constituição do país, sem que emitam juízo de valor ou afirmem que as contribuições dos brancos são mais significativas que as contribuições de negros e indígenas. Neste caso, as leituras infantis antirracistas que busquem o protagonismo negro e colabore ativamente no combate ao racismo.

Ribeiro (2019) afirma:

Um ensino que valoriza as várias existências e que referencie positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. (RIBEIRO, 2019, p. 16).

Dessa forma, compreender a significância das obras literárias infantis que desconstrói argumentos e incentiva o respeito às etnias para a mudança entre as relações nos espaços sociais, sobretudo nas escolas, reforça a atuação da literatura infantil nas escolas para a valorização das diferenças, conforme ressalta as orientações da BNCC (2018), que, dentro das suas competências, nos oferta com o ensino obrigatório do reconhecimento da diversidade através dos seguintes pontos:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BNCC, 2018, p. 9-10)

Diante disso, ainda, a Lei 10.639/03, estabelece novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura Afro-brasileira e africana. Assim, é do seu ofício destacar que os negros são considerados como sujeitos históricos e devem ser valorizados. É importante que a

sua história seja abordada, por exemplo, na leitura de livros infantis que trazem narrativas contra o preconceito e a discriminação racial. Nesse sentido, (COSSON, 2012, p.106) assevera que o principal objetivo do letramento literário nas escolas é formar “[...] um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive.” Pois, com isso, percebemos que o letramento étnico-racial contribui para uma prática pedagógica antirracista.

Nesta perspectiva, para que o círculo de leitura seja realizado, segundo Cosson (2014), as atividades de leitura são realizadas em três fases: o ato de ler, o compartilhamento e o registro. A primeira diz respeito ao momento de encontro do leitor com texto que pode ser de forma solitária ou grupal. A segunda fase envolve dois momentos: a reparação para a discussão que se dá através de anotações de impressões sobre o texto e a discussão propriamente dita em formato de debate oral entre os leitores do grupo. A terceira fase refere-se ao registro que é o “momento em que os participantes refletem sobre o modo como estão lendo e o funcionamento do grupo, assim como sobre a obra e a leitura compartilhada. Esses registros podem ocorrer de formas variadas, desde diários de leitura, até fichas de função, bem como atividades performáticas como peças teatrais, sarau etc. que podem ser utilizados como avaliação para os círculos de leitura institucionais, combinados com o recurso da autoavaliação, tendo em vista que a literatura deve ser vista como uma experiência e não como um conteúdo a ser avaliado. (COSSON, 2014, p.168-171).

Sendo assim, torna-se imprescindível a leitura de autores que se apresentam com uma multiplicidade de sentidos que buscam transformar e contribuir com alternativas metodológicas para a valorização da desconstrução de estigmas raciais, promovendo a formação de leitores críticos nas escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A leitura literária na escola requer o planejamento de ações para além do ato solitário, a partir da possibilidade de estabelecer interações e conexões com a realidade do leitor. Ademais, somos favoráveis à leitura compartilhada em grupo, ampliando os sentidos do texto, como resultado do diálogo exercitado pela dinâmica: leitor, autor, texto e contexto.



Assim, na obra em questão, propomos na primeira etapa conduzir o leitor (a) à narrativa da personagem Coraline, a fim de desencadear a recepção do texto, a partir da indagação: **Qual a cor do lápis cor de pele?** Consequentemente, iniciar uma discussão sobre diversidade com as crianças. Isso é importante, para os estudantes mergulharem na temática explorada na obra, uma vez essa leitura estimula a busca pelo respeito e à diversidade étnico-racial. Sobre isso, é vejamos o que diz Ribeiro (2019, p. 16):

Um ensino que valoriza as várias existências e que referencia positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais.

Para que a obrigatoriedade da educação afro-brasileira se realize na prática, é preciso começar refletindo sobre a diversidade. Sabemos da existência de muitos estudantes negros e negras que não se retratam e, em consequência do racismo, ainda nos deparamos com a titulação cor de pele para o lápis cor salmão ou rosa claro. Nesta perspectiva, vemos que:

O racismo constitui-se um sistema de dominação e opressão estrutural pautado numa racionalidade que hierarquiza grupos e povos, baseada na crença da superioridade e inferioridade racial. No Brasil ele opera com a ideologia de raça biológica, travestida no mito da democracia racial [...] A ideologia da raça biológica encontra nos sinais diacríticos “cor da pele”, “tipos de cabelo”, “formato do nariz”, “formato do corpo” o seu argumento central para inferiorizar os negros, transformando-os (sobretudo a cor da pele) nos principais ícones classificatórios dos negros e brancos no Brasil. (GOMES, 2017, p.98)

Com isso, é fundamental entender que a obra convida o leitor a quebrar os estereótipos, rompendo com preconceitos e com isso, o leitor infantil se beneficia com a proposta de leitura antirracista em respeito à diversidade. Nesta proposta aqui explicitada, já na fase de compartilhamento, o leitor é estimulado a criar diálogo mais profundo com a obra, envolvendo a formação de equipes para juntos buscarem formas de expressar os sentimentos das personagens e a construção do processo de identidade de Caroline. Nesta fase, as crianças são estimuladas a desenvolver seu autorretrato através de desenhos e pinturas. Essa atividade abre espaço para discutir como a personagem possui grau de aceitação, assim como fornecer referenciais simbólicos para que as crianças consigam combater o racismo, enxergar a si próprias e aos outros.



Em seguida, na fase de registro, o aluno é incentivado a elaborar diários de leitura, com anotações sobre as impressões e sentimentos sobre a obra. Para ajudar neste processo de reflexão pode ser realizada uma excursão ecológica a fim de que as crianças ampliem o tema da diversidade, e que sejam estimuladas a observar a realidade, ter o contato com as várias espécies vegetais e animais, suas variadas cores. Assim, perceber a diversidade e o respeito às diferenças no mundo.

Assim, através da leitura da obra *A cor de Caroline*, as crianças podem fazer uma reflexão a respeito da importância da representatividade negra, possibilitando ampliar encontros de culturas, saberes e etnias e ressignificar formas de pensar e agir que são naturalizadas e reprodutoras de preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, neste trabalho, consideramos relevante apresentar para as crianças livros com personagens e autores negros que desconstruam estereótipos negativos e tragam ações afirmativas para combater o racismo que assola no nosso país. Queremos dizer que a partir da obra “*A cor de Caroline*” é possível discutir relações étnico-raciais e propor ações que levem os leitores a compreender como são construídos os processos de identidade das nossas crianças negras.

A proposta de leitura apresentada contribui para romper com o racismo, ao mostrar a importância da literatura como aliada à educação das relações-ético-raciais porque é capaz de estimular o pensamento crítico, sobretudo, para fortalecer o reconhecimento de interpretações preconceituosas nos discursos e nas relações de poder e ideologia na sociedade.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CARTH, John Land. **A Base Nacional Comum Curricular e a aplicação da política de Educação para Educação das Relações Étnico-raciais**. 2018

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador** - saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.



LEÃO, Cleonice de Moraes Evangelista. **Letramento Literário em Círculos de Leitura na escola.** 2014; p. 427-441.

OLIVEIRA, Kiusam. **Literatura Negro-Brasileira do Encantamento e as Infâncias: Reencontrando Corpos Negros.** Ano: 2020. Editora: Conferência.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antiracista.** 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que Ler a Literatura Infantil Brasileira.** – Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.